

# LAIVOS DE MEMÓRIA: UMA CARREIRA NO CORPO DA ARMADA

*“... e quando tiverem chegado, vitoriosamente,  
ao fim dessa primeira etapa,  
mais ainda se convencerão de que  
abraçaram uma carreira difícil,  
árdua, cheia de sacrifícios,  
mas útil, nobre e, sobretudo bela.”*

(NOSSA VOGA, Escola Naval, Ilha de Villegagnon, 1964)

---

CMG (RM1) William Carmo Cesar

---

## MOTIVAÇÃO FASCINANTE

Há quase 50 anos experimentei um misto de angústia, tristeza e ansiedade que meu jovem coração de adolescente soube suportar com bravura.

Naquela ocasião, despedia-me dos amigos de infância e da família e deixava para trás bucólica cidadezinha da região serrana fluminense. A motivação que me levava a abandonar gentes e coisas tão caras era, naquele momento, suficientemente forte para respaldar a decisão tomada de dar novos rumos à minha vida. Meu mundo de então se tornara pequeno demais para as minhas aspirações. Meus desejos e sonhos projetavam horizontes que iam muito além das montanhas que circundam minha terra natal.

Como resistir à sedução e ao fascínio que a *vida no mar* desperta nos corações dos jovens?

Havia, portanto, uma convicção: aquelas despedidas, ainda que dolorosas – e despedidas são sempre dolorosas – não seriam certamente em vão. Não tinha dúvidas de que os sonhos que acalentavam meu coração pouco a pouco iriam se converter em realidade.

## INGRESSANDO NA FAMÍLIA NAVAL

Em março de 1962, desembarcávamos do *Aviso Rio das Contas* na ponte de atracação do *Colégio Naval*, como integrantes de mais uma Turma desse



tradicional estabelecimento de ensino da Marinha do Brasil.

Ainda que a ansiedade persistisse oprimindo o peito dos novos e orgulhosos *Alunos do Col.N.*, não posso negar que a tristeza, que antes havia ocupado espaço em nossos corações, era naquele momento substituída pelo contentamento peculiar dos vitoriosos. E o sentimento de perda, experimentado por ocasião das despedidas, provara-se equivocado: às nossas caras famílias de origem agregava-se uma nova, a *Família Naval*, composta pelos recém-chegados companheiros; e às respectivas cidades de nascimento, como a minha bucólica *Bom Jardim*, juntava-se, naquele instante, a bela e graciosa *enseada Batista das Neves* em *Angra dos Reis*, como mais tarde se agregaria a histórica *Villegagnon* em meio à sublime *baía de Guanabara*.

Ao todo foram seis anos de companheirismo e feliz convivência, tanto no Colégio como na Escola Naval. Seis anos de aprendizagem científica, humanística e, sobretudo, militar-naval. Seis anos entremeados de aulas, *festivais* de provas, práticas esportivas, remo, vela, cabo de guerra, navegação, marinharia, ordem-unida, atividades extraclasse, recreativas, culturais e sociais que deixaram marcas indelévels.

... *Grêmio dos Alunos, Pelotão Tamandaré, Pelotão Barroso, Revista Fragata, Revista Galera, Gingilim, Nossa Voga, Sociedade Acadêmica Phoenix Naval (SAPN), Almoço dos 30 Dias, Almoço dos 100 Dias, Passagem da Cana do Leme, Baile da Âncora, Recebimento dos Espadins, Navamaer, Regata Escola Naval, Patescarias (Operação Saci!...), Papiros, Audiências, Impedimentos, Bailéu, Escoteria, Paradas e Formaturas, Desfiles de 7 de Setembro, Inspeções, Mostras de Uniformes, Cabelo no Artigo, Tolda, Ronda, Chefe de Dia, Alvorada, Revista Médica, Matutina, Jacuba, Brekelé (a elegante e barulhenta mascote da Escola), Jurupaca, Pátio Saldanha, Aula dos Afogados, Bacalhau, Cheviô, Bisu, Cachangá, Camarotes e Alojamentos, Rancho Noturno, Recebimento de Espadas, Troca de Platinas, Declaração de Guardas-Marinha ...*

“Às nossas caras famílias de origem agregava-se uma nova, a *Família Naval*, composta pelos recém-chegados companheiros.”

Estes e tantos outros símbolos, objetos e acontecimentos passados desfilam hoje, deliciosa e inexoravelmente distantes, em meio a saudosos devaneios.

## VIAGENS DE INSTRUÇÃO, OS PRIMEIROS CONTATOS COM O MAR

Ainda como alunos do Colégio Naval, os contatos preliminares com a vida de bordo e as primeiras idas para o mar – a razão de ser da carreira naval. Inicialmente, para quebrar o sal, uma visita ao imponente *Cruzador Tamandaré*, o C-12, fundeado na enseada Batista das Neves. Mais adiante, uma *Viagem de Adaptação* nos *Contratorpedeiros Bauru, Bracuí e Bependi*, através da baía da Ilha Grande, quando foram registradas as primeiras *mareações* dos futuros *Lobos do Mar*, vítimas dos caturros e balanços de uma singela adaptação marinheira.

Como *Aspirantes*, derrotas mais longas e as primeiras *descobertas*: Santos, Salvador, Recife e Fortaleza! Em janeiro de 1965, a bordo do *NAeL Minas Gerais*, testemunhamos os últimos pousos e decolagens, em seu convés de voo, dos aviões de asa fixa T-28, então pilotados por Oficiais de nossa Marinha. Em 1966, um quente e desconfortável estágio no *Cruzador Barroso* nos conduziu a um cruzeiro pelas ilhas oceânicas de Trindade, Martim Vaz, Fernando de Noronha e Atol das Rocas. Ainda em 1966, a bordo de um navio-transporte, fomos apresentados ao porto de Santos, com direito a um desfile militar na capital, São Paulo. Em 1967, tivemos nossa primeira travessia do Atlântico, a bordo do *Contratorpedeiro Paraná* e do *Cruzador Barroso*, que nos conduziram a uma agradabilíssima estada em Luanda, Angola, na costa africana.

Fechando o ciclo das Viagens de Instrução, o tão sonhado embarque no *Navio-Escola*. Viagem maravilhosa! Nós, da *Turma Miguens, Guardas-Marinha de 1967*, tivemos a oportunidade ímpar e rara de participar de um cruzeiro ao redor do mundo em 1968: a *Quinta Circum-navegação da Marinha Brasileira*.

Foi uma memorável viagem, durante a qual a quilha do *NE Custódio de Mello* – como a de seus bravos antecessores, a *Corveta Vital de Oliveira (1879-81)*, o *Cruzador Almirante Barroso (1888-90)*, o *Benjamim Constant / o garboso Cisne Branco (1908-09)* e o nosso contemporâneo *Almirante Saldanha (1952-53)* – cortou

# CL "TAMANDARÉ"



todos os meridianos e navegou todas as longitudes, singrando as águas dos grandes oceanos Atlântico, Pacífico e Índico, nos conduzindo a inesquecíveis estadas em atraentes e exóticas localidades da América, Ásia e África.

## PLATINAS DE SEGUNDO-TENENTE, SAUDOSOS CONVESES E INESQUECÍVEIS PRAÇAS D'ARMAS

Após o regresso, as platinas de *Segundo-Tenente*, o primeiro embarque efetivo e o verdadeiro início da vida profissional – no meu caso, a bordo do cruzador *Tamandaré*, o inesquecível C-12. Era a inevitável separação da Turma do CN-62/63 e da EN-64/67.

Novamente um misto de satisfação e ansiedade tomou conta do coração, agora do jovem Tenente, ao se apresentar para servir a bordo de um navio de nossa Esquadra. Após proveitosos mas descontraídos estágios de instrução como Aspirante e Guarda-Marinha, quando as responsabilidades eram restritas a compromissos curriculares, as platinas de Oficial começariam, finalmente, a pesar forte em nossos ombros. Sobre essa transição do *status* de Guarda-Marinha para Tenente, o notável escritor-marinheiro *Gastão Penalva* escrevera com muita propriedade:

*“Guarda-Marinha é a fase inesquecível de nosso ofício. Coincide exatamente com a adolescência, primavera da vida. Tudo são flores e ilusões. Fino, distinto, quase oficial, com bolso recheado e o pé*

*no primeiro degrau de uma carreira belíssima... Depois começam a despontar as responsabilidades, as agruras de novos cargos, o acúmulo de deveres novos”.*

E esses novos cargos e deveres novos, que foram se multiplicando a bordo de velhos e saudosos navios, deixariam agradáveis e duradouras lembranças em nossa memória. Com o passar dos tempos, inúmeros *Conveses* e *Praça d'Armas*, hoje saudosas, foram se incorporando ao acervo profissional-afetivo de cada um dos integrantes daquela Turma de Guardas-Marinha de 1967.

Dentre esses podemos destacar os imponentes e bem armados *cruzadores leves* “*Tamandaré*” e “*Barroso*”, o NAeL “*Minas Gerais*”, os operativos, marinheiros e esguios *contratorpedeiros classe “P”*, os *veteranos classe “A”*, os classe “M” e os “B” cujo remanescente, “*Bauru*”, hoje navio-museu, pode ser visitado no Espaço Cultural da Marinha. Havia, ainda, naquele final da década de 1960, *navios hidrográficos* como o “*Sirius*” e o “*Canopus*”, o NOc “*Almirante Saldanha*” – antes um garboso navio-escola a vela, os audazes e vigorosos *rebocadores de alto-mar* “*Tritão*”, “*Tridente*” e “*Triunfo*”, as *corvetas distritais* como a “*Imperial Marinheiro*”, o navio patrulha P-14 “*Penedo*” e demais NaPaCo ainda hoje em atividade, os NTrT da antiga Força de Transportes, como o “*Ari Parreiras*”, o navio-oficina “*Belmonte*” e os submarinos “*Bahia*”, “*Rio Grande do Sul*”, e

tantos outros de grata lembrança para cada um de nós. Mais tarde vieram os varredores classe “Aratu” e as modernas *Fragatas classe “Niterói”*, atualmente revitalizadas e operantes.

Classes de navios diferentes, tarefas, serviços e fainas marinheiras diversas e variadas nos proporcionaram aprendizados distintos e novas lições de vida:

*...Experiência de Comunicações, Guarnecer Detalhe Especial para o Mar, Postos de Suspende, Oficial de Manobra, Passadiço, Tijupá, Fora de Leme, Navegação em Canal Varrido, Navegação às Escuras, Preparo do Céu, Observação Astronômica, Almanaque Náutico, Aldébaram e Arcturus, Azimute, Passagem Meridiana, Reta da Tarde, Tábua Rader de Aquino, Passagem do Equador, Preparar para Mau Tempo, Guarnecer Postos de Combate, Cruzeiro de Guerra, Passagem de Carga Leve, Exercício de Tiro Real (uma bordada com a Bateria Principal de 152mm do C-12 é algo inesquecível...), Centro de Informações*

*de Combate (CIC), Guerra AS, Postos de Abandono, Postos de Incêndio, Homem ao Mar, RIPEAM, Zero às Quatro, Faina de Reboque, Patrulha do Mar Territorial, Postos de Fundear, Fundeio de Precisão, Fundo de Boa Tença, Largar o Ferro, Ferro pelos Cabelos, Amarra a Pique, Pegar a Boia, Atracação a Contrabordo, Amarração Dobrada, Trincafiar Espias, Portaló, Caveira de Pau, Pé de Galo, Cabo de Dia, Cabo Temperatura, Embandeiramento em Arco, Postos de Continência, Mostra Geral, Sinal para a Bandeira, Arriou!, Silêncio, Faxina do Quarto d’Álva, Lona e Areia, Picar a Voga, Volta às Faxinas, Baixar à Terra, Faina de Docagem, Faina de Munição, Barca d’água, Fiel da Aguada, Mostra de Uniformes, Postos de Continência, Senhor Mestre do Navio, Formar a Guarda, Boys ao Portaló, Honras de Recepção, Senhor Comandante para Bordo, Flâmula de Comando, Flâmula de Fim de Comissão, Desembarque, Bravo Zulu!*



Ah! Como é gratificante, ainda que melancólico, repassar tantas lembranças, tantos termos expressivos, tanta gíria maruja, tantas tradições, fainas e eventos tão intensamente vividos a bordo de inesquecíveis e saudosos navios...

## DESCOBRINDO MARES, ESTREITOS, ENSEADAS E PORTOS

E as viagens foram se multiplicando ao longo de bem aproveitados anos de embarque, de centenas de dias de mar e de milhares de milhas navegadas em alto mar, singrando as extensas massas líquidas que formam os grandes oceanos, ou ao longo das águas costeiras que banham os recortados litorais, com passagens, visitas e arribadas em um sem número de en-

seadas, baías, barras, angras, estreitos, furos e canais espalhados pelos quatro cantos do mundo, percorridos nem sempre com mares bonançosos e ventos tranquilos e favoráveis:

*...Baía da Ilha Grande, Enseada da Estrela, Canal de São Sebastião, Rio Pará, Estreito do Buiúçu, Furo do Limão, Canal do Gurupá, Rio Amazonas, Rio Negro, Rio São Francisco, Rio da Prata, Estreito de Magalhães, Canais Chilenos, Mar do Caribe, Golfo da Venezuela, Canal do Panamá, Mar do Sul da China, Mar das Filipinas, Estreito de Málaca, Canal de Moçambique, passagem do Cabo da Boa Esperança (ou das Tormentas!?!...), Ponta de Sagres, Golfo*

# *NAeL "Minas Gerais" Viagem de Aspirantes Janeiro de 1965*



Tóquio - 1968



## 14年ぶりの里帰り

日本生れのブラジル海軍練習艦

ブラジル海軍の練習艦カストロ・アルヴェス「CST-01」が21日、東京に到着した。到着にあたっては、14年ぶりの「里帰り」だ。というのは、この練習艦は石川島造船工場の造船時に建造、ブラジルへ輸出したもの。カストロ・アルヴェスは太平洋の途中で上官が死亡した人が入っている。—手紙は海上自衛隊東京音楽隊の練習艦

June 24, 1968. In Japan

*da Biscaia, Estreito de Gibraltar, Mar Mediterrâneo, Estreito de Bonifácio, Estreito de Messina, Mar Tirreno, Mar Adriático, Mar Jônico, Dardanelos, Mar de Mármara, Estreito de Bósforo, Mar Egeu, Rio Tejo, Canal da Mancha, Estreito de Dover, Mar do Norte, Rios Escalda e Elba, Canal de Kiel, Mar Báltico, Sandehamn (belíssima região de acesso a Estocolmo), Canal de Helsingor, Skagerrak, Kattegat...*

Inúmeros foram também os portos e cidades visitadas, não só no Brasil como no exterior, o que sempre nos proporciona inestimáveis e valiosos conhecimentos, principalmente graças ao contato com povos diferentes e até mesmo de culturas exóticas e hábitos às vezes totalmente diversos dos nossos, como os ribeirinhos amazonenses ou os criadores de serpentes da antiga Taprobana, ex-Ceilão e hoje Siri Lanka .

*...Angra dos Reis, São Sebastião, Santos, Rio Grande, Vitória, Salvador,*

*Recife, Maceió, Cabedelo, Penedo, Natal, Areia Branca, Fortaleza, Belém, Santarém e Manaus... Luanda, Colón e Balboa, Acapulco e Cidade do México, Long Beach e Los Angeles, Honolulu e Pearl Harbour, Tóquio e Etajima, Manila, Singapura, Colombo, Lourenço Marques (hoje Maputo), Cidade do Cabo, Buenos Aires, Mar del Plata, Montevidéo, Valparaíso, Callao, Guayaquil, La Guaira, Maracaibo e Caracas, Willemstad (Curaçao), Port of Spain (Trinidad-Tobago), San Juan de Porto Rico, Fort Lauderdale (Flórida), Dakar, Santa Cruz de Tenerife (Canárias), Barcelona, Civitavecchia e Roma, Pireu e Atenas, Istambul e Tuzla, Dubrovnik (Croácia), Lisboa, Marselha, Le Havre e Paris, Portsmouth e Londres, Cork (Irlanda), Antuérpia, Amsterdam e Rotterdam, Hamburgo e Kiel, Copenhagen e Estocolmo...*

*Viagem de Aspirantes a Angola - Janeiro de 1967*  
*CT "Paraná" - Travessia do Atlântico*



*CT "Santa Catarina"*



Como foi fascinante e delicioso navegar por todos esses cantos. Cada novo mar percorrido, cada nova enseada, estreito ou porto visitado tinha sempre um gosto especial de descoberta... Sim, pois, como dizia Cá-

*mara Cascudo, "o mar não guarda os vestígios das quilhas que o atravessa. Cada marinheiro tem a ilusão cordial do descobrimento".*

## **ALTOS ESTUDOS E FELIZES REENCONTROS**

Não poderia deixar de abordar, também, nessas reminiscências, nesse vago e impreciso *curriculum vitae* de cunho nostálgico-afetivo, os inúmeros cursos que a Marinha nos propicia, desde os mais simples e expeditos, de curta duração, aos mais longos e complexos como os de *Aperfeiçoamento* (Máquinas, Comunicações, Eletrônica, Hidrografia, Armamento, Submarino e Aviação Naval) e todos os de altos estudos da *Escola de Guerra Naval*. Esses cursos, além dos preciosos ensinamentos técnico-profissionais e político-estratégicos transmitidos, têm um valor afetivo inestimável ao servirem de *ponto de reencontro* de antigos companheiros, alguns dos quais há muito separados em razão dos diferentes caminhos percorridos desde a chegada da Viagem de Instrução de Guardas-Marinha, contribuindo, dessa maneira, para reavivar periodicamente as velhas amizades dos tempos do Colégio e da Escola Naval.

Promoções, cursos, cargos, funções, encargos colaterais se sucedem progressiva e naturalmente: Guarda-Marinha, Tenente, Oficial Superior, Capitão de Mar e Guerra... para alguns as merecidas platinas douradas de Almirante... aperfeiçoamento, altos estudos militares... embarques em navios de diferentes tipos e classes, serviços em várias Organizações Militares de terra... Ajudante e Encarregado de Divisão, Chefe de Departamento, Comandante de Companhia do Corpo de Aspirantes, Instrutor de Curso de Aperfeiçoamento, Instrutor de Guardas-Marinha, Oficial de Estado-Maior, Imediato e Comandante de Navio...

A carreira prossegue seu curso normal, tornando reais, a cada etapa, as antigas aspirações que outrora serviram de motivação ao abandono, prematuro mas inevitável, de gentes e coisas que nos eram tão caras. Segue adiante, como um navio

pronto que percorre a derrota planejada, a despeito do estado do mar e das condições de vento, às vezes nem sempre tranquilos e bonanzosos...

Mas na vida nem tudo é eterno e definitivo.



## ÚLTIMA ARRIBADA, UMA SAUDADE

Um navio pode, a qualquer momento, ter sua comissão interrompida, seu rumo invertido por uma guinada de 180 graus, mesmo que não planejada em seu programa de eventos, e demandar o ponto inicial da derrota. A tripulação desse navio que retorna ao porto base tem que se conformar por não ver satisfeito o seu desejo de navegar mais um mar ou estreito desconhecido ou de alcançar uma nova enseada ou porto tantas e tantas vezes sonhado...

Do mesmo modo, quando a carreira naval chega ao fim, não nos resta outra alternativa a não ser suportar, mais uma vez, o sentimento de perda. Sentimento de perda, ansiedade e tristeza que muitos dos nossos corações voltarão a experimentar, como há tantos anos.

Perda, não por deixar o convívio da *Família Naval*, como deixamos anteriormente familiares e amigos, pois temos a convicção que tanto estes quanto aquela nunca nos faltarão, mesmo quando eventual e temporariamente distantes.

Perda, sim, por não mais poder ouvir o *bater do sino de bordo*, marcando os *quartos de serviço*, com suas combinações sonoras de batidas duplas e singelas a cada hora e meia hora; nem tampouco os *toques* do tradicional *apito do marinheiro* a ordenar diariamente o cumprimento da rotina.

Perda, por não mais poder sentir o *balanço* e o *caturro* do navio, no seu cavalgar incessante das ondas de um mar às vezes tranquilo e agradável, quando embalado por ventos moderados e benfazejos, propiciando um merecido repouso, após árduas fainas ou prolongados cruzeiros de guerra, e estimulando os sonhos do marinheiro – sim, porque o homem do mar sempre foi e será um eterno sonhador. Ou mesmo de um mar agitado ou tempestuoso, quando varrido por ventos frescos ou por fortes vendavais que tornam os *caturros* e *balanços* desordenados e confusos, desagradáveis e desconfortáveis mas, por isso mesmo, amalgamadores do espírito de cooperação que une os homens do mar, e coadjuvantes da forja, da têmpera e da fibra marinheiras.

Perda, por mais não poder envergar os tradicionais uniformes que distinguem universalmente as marinhas de todo o mundo – como o elegante *Jaquetão Azul Marinho*, o distinto *Dólmã Branco*, o charmoso *Chiquinho* ou, ainda, o exótico e brasileiro *Alexandrino* –, ostentando orgulhosamente as *medalhas e condecorações*, os *distintivos de cursos* e a *estrela de comando* e, principalmente, por não mais portar a *Espada*, símbolo maior do *oficialato*.

Ansiedade, pelo dia seguinte, pelo amanhã, pela primeira vez em que tiver que ouvir os acordes de

uma Banda de Fuzileiros Navais entoando aquelas canções que ecoam agradavelmente em nossos ouvidos desde os tempos do ingresso na Marinha, como *Sentinela dos Mares*, *Viva a Marinha*, *Adeus à Escola* e , mais do que qualquer outra, a *Canção do Marinheiro* – quem não se empolga, seja ou não marinheiro, ao ouvir essa beleza de música sobejamente conhecida como *Cisne Branco*? As canções marinheiras, ouvidas quando já se está fora do serviço ativo, são como o Hino Nacional ouvido fora de nossas fronteiras – tendem a provocar sempre maior entusiasmo além de mais forte e, por que não dizer, arriscada emoção...

Tristeza, como a de um navio que percorre as últimas milhas da singradura final de uma longa e já saudosa derrota e que, pela derradeira vez, terá guardado o *Detalhe Especial para o Mar* e os *Postos de Fundear*, para rumar seguro em demanda do porto, em uma arribada necessária mas indesejável.

Tristeza, de um navio que está prestes a ver lançadas de seu convés as últimas retinidas, portadoras das espias que abraçarão mais uma vez os cabeços daquele mesmo cais bem abrigado e costumeiramente acolhedor, porém, lamentosa e inexoravelmente, de maneira definitiva e terminal.

Mas, passadas as angústias e as tristezas, restarão sempre a alegria, a gratidão e a saudade.

Alegria, pelas amizades que se multiplicaram a cada nova Praça d'Armas convivida.

Gratidão, pelos ensinamentos recebidos de chefes, pares e subordinados e pelos inúmeros cursos e inesquecíveis viagens realizadas no decorrer de tantos anos dedicados ao serviço naval, que possibilitaram um acúmulo de experiências e de conhecimentos de inestimável valor.

E saudade, dos infinitos momentos de felicidade vividos na Marinha, os quais permanecem indelével e deliciosamente guardados em nossa memória.

## PRINCIPAIS NAVIOS À ÉPOCA DO PRIMEIRO EMBARQUE DA TURMA DE SEGUNDOS-TENENTES DE 1968

### PRINCIPAIS NAVIOS DA ESQUADRA - 1968

<b>NAeL</b>	A-11 Minas Gerais
<b>CL</b>	C-11 Barroso e C-12 Tamandaré
<b>Força de Contratorpedeiros</b>	Classe A: D-10 Acre / D-12 Amazonas / D-14 Araguaia / D-15 Araguaí Classe M: D-26 Mariz e Barros Classe P: D-27 Pará / D-28 Paraíba / D-29 Paraná / D-30 Pernambuco / D-31 Piauí / D-32 Santa Catarina Classe B: D-17 Baependi / D-18 Baurú / D-20 Benevente / D-21 Bertioga / D-22 Bocaina / D-23 Bracuí
<b>Força de Transportes</b>	NE: U-26 Custódio de Mello NTrT: G-16 Barroso Pereira / G-21 Ary Parreira / G-22 Soares Dutra NT: G-26 Marajó NO: G-24 Belmonte
<b>Força de Submarinos</b>	S-11 Rio Grande do Sul / S-12 Bahia

### PRINCIPAIS NAVIOS DA DHN - 1968

<b>Navio Oceanográfico</b>	H-10 Almirante Saldanha (Ex U-10 Navio-Escola / Veleiro)
<b>Navios Hidrográficos</b>	H-21 Sírius / H-22 Canopus H-31 Argus / H-32 Orion / H-33 Taurus

### PRINCIPAIS NAVIOS DISTRITAIS - 1968

<b>Corvetas</b>	V-15 Imperial Marinheiro / V-16 Iguatemi / V-17 Ipiranga V-18 Forte Coimbra / V-19 Caboclo / V-20 Angostura V-21 Bahiana / V-22 Mearim / V-23 Purus / V-24 Solimões
<b>Rebocadores</b>	R-21 Tritão / R-22 Tridente / R-23 Triunfo
<b>Monitores</b>	U-16 Paraguaçu / U-17 Parnaíba / G-17 Potengi (NT)
<b>Navios Mineiros</b>	M-11 Javari / M-12 Jutá / M-13 Jurá / M-14 Juruena